

A AVENTURA DE INVENTAR-SE ATIVISTA LÉSBICA EM TEMPOS VERDE OLIVA: considerações sobre a primeira organização lésbica da Bahia

Zuleide Paiva da Silva

Universidade do Estado da Bahia; Liga Brasileira de Lésbicas. eidepaivasilva@gmail.com

Resumo

Reconhecendo o “complô do silêncio” que cerca a construção discursiva sobre a existência lésbica como um “nó” que enlaça o patriarcado, capitalismo, racismo, classe, o propósito deste trabalho é refletir o Grupo Libertário Homossexual (GLH), uma organização lésbica (in)visível da Bahia em tempos de ditadura. Para tanto, recorre às fontes bibliográficas e oral. A leitura das fontes revela o GLH como primeira bandeira lesbofeminista da Bahia, e aponta a auto-organização lésbica como caminho de empoderamento feminino.

Palavras-chave: Organização lésbica. Visibilidade Lésbica. Lesbofeminismo.

Introdução

Os movimentos de lésbicas como expressões dos movimentos sociais surgem no Brasil na ditadura militar, quando mulheres que se reconheciam e eram socialmente reconhecidas como lésbicas para além de assumirem publicamente o amor por outras mulheres passam a se organizar em defesa dessa amor, tecendo coalizões entre mulheres com fios do continuum lésbico, que, conforme Adrienne Rich (1980), abarca um grande escopo de variedades de experiências de identificação entre mulheres. Embora pouco se fale sobre lesbianidades durante a ditadura brasileira, diferentes estudos apontam que no Brasil os movimentos de lésbicas surgem a partir de 1979 (MACRAE, 1990; FACCHINI, 2005; ALMEIDA, 2007; LESSA, 2007); período que compreende a chamada “Era da participação”, entre 1978-1989 (GOHN 2012). Esse tempo, conforme Green (2014), foi de lenta abertura política, e de deslizamento entre os conceitos de homossexualidade, comunismo, desordem e oposição ao regime. Segundo Marisa Fernandes, uma das fundadoras da primeira organização lésbica de São Paulo, nesse período o modo de vida LGBT sofreu repressão com as tentativas de apagamento das suas manifestações, “[...] porque a violência do estado autorizava e apoiava a perseguição contra os homossexuais” (FERNANDES, 2014, p.147).

Na Bahia, na luta contra a repressão imposta pela ditadura, construindo lesbianidade como ato de resistência (CLARKE, 1990), um grupo de estudantes lésbicas, militantes do movimento estudantil

da Universidade Federal da Bahia UFBA, criaram o GLH-Grupo Libertário Homossexual no bojo da primeira onda do movimento homossexual, mas o que se observa em torno desse grupo é o “complô do silêncio” que promove o apagamento das lésbicas em diferentes tempos históricos (NAVARRO-SWAIN, 2001). Diante dessa observação, o propósito dessa comunicação é romper o silêncio histórico em torno desse grupo refletindo dimensões histórica, política e formativa do mesmo. Para tanto, recorre às fontes bibliográficas e oral, trazendo para reflexão o pensamento e movimento de uma das fundadoras do Grupo através de entrevista narrativa (SCHUTZE, 2013) realizada em 14 novembro de 2014. A análise reconhece o GLH como a primeira bandeira lesbofeminista da Bahia.

“Lurdinha”, atitude e rebeldia lésbica

“Era uma vez um grupo de lésbica que criou o 1º Jornal Lésbico de Salvador, quiçá da Bahia, chamado “Amazonas”. Naquele tempo, a vida não era cor de rosa, nem azul. Era verde oliva...” (LURDINHA, GLH)

“Lurdinha” é Maria de Lurdes Almeida Motta, nascida em 1953, professora de literatura da Uneb, locada no Campus V, em Santo Antônio de Jesus. Menina branca, nascida em Senhor do Bonfim, no interior da Bahia, ainda criança mudou-se com a família para Feira de Santana, onde morou até 17, ou 18 anos. Depois da morte dos seus pais precisou assimilar a filosofia da luta pela vida e adaptar-se às condições criadas pela realidade na qual estava inserida. Para tanto, mudou-se para Salvador, e em 1977 ingressou no Curso de Letras da Universidade Federal da Bahia -UFBA, quando passou a ter contato com o pensamento de esquerda, abrindo diante de si um leque de possibilidades de ser e existir na capital. Rompendo com o condicionamento das estudantes para suportarem uma forma de vida acadêmica alienada, Lurdinha, que sempre se percebeu lésbica, ingressou no movimento estudantil em busca de experiência de participação nos movimentos de contestação, nas lutas democráticas por justiça social, e logo se vinculou a Libelu - Liberdade e Luta, corrente de inspiração trotskista, que captou a imaginação dos estudantes “com suas palavras de ordem ousadas e uma maior abertura para os temas vinculados à contracultura” (MACRAE, 1990, p.22). Mas a Libelu, e todo o pensamento de esquerda do período, girava em torno da luta de classe e do enfrentamento ao regime militar. A homossexualidade era então percebida pelos “esquerdistas”, como bem lembra Lurdinha, como um desvio pequeno-burguês, não uma questão política.

[...] Eu participei do Congresso de reconstrução da UNE, que elegeu o Rui como presidente. E quando terminou o Congresso e todo mundo soube e comentou que o presidente que nós elegemos naquele momento era gay, foi um choque para os comunistas. O pessoal empalideceu. Ninguém quis acreditar que o Ruy era gay. Ninguém quis aceitar que ele era gay. Foi uma confusão danada. Eu fiquei decepcionada com a esquerda empalidecida. E senti medo da repressão sexual (LURDINHA, GLH, Entrevista, 2014).

Se o presidente eleito da UNE era gay não se pode afirmar, embora a imprensa da época tenha feito muitas insinuações nesse sentido. Mas, Lurdinha tinha consciência de que a descriminalização das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo não implicou um abrandamento do preconceito que se tinha contra esse tipo de relação. Quando viu o novo dirigente da UNE ser aviltado em função da sua homossexualidade presumida, ela solidarizou-se com ele, e seguiu o fluxo do desejo, ou do ditado popular: é preciso mudar tudo pra que nada mude. Leitora de Kollontai (2007, p.27), Lurdinha sabia que “a delicada flor da moral sexual é uma felicidade adquirida à custa da escravidão da mulher”. Sua consciência, de alguma forma gritava irada que era preciso reagir. E da indignação com a esquerda que associava a homossexualidade ao comportamento burguês, e, conseqüentemente, à contra revolução, surgiu o GLH, como uma pequena ilha de lesbos, um lugar seguro para as lésbicas. “[...] Se nos juntarmos e nos oferecermos apoio- sem, contudo, nos isolarmos-, nossa chance de sucesso e sobrevivência numa sociedade chauvinista serão maiores. Afinal, os homens sempre se apoiaram e sempre souberam juntar as forças – dentro de um exército, ou só para jogar um futebolzinho. E você? Já formou o seu grupinho? Já encontrou a sua pequena Lesbos? (LEONEL, 2001, p.39)

GLH, uma bandeira lesbofeminista!?

Depois do congresso de reconstituição da UNE, Lurdinha e um pequeno grupo de estudantes lésbicas que se indignaram com a reação dos movimentos de esquerda frente a eleição do então estudante de Comunicação da UFBA, Ruy César Costa Silva, filiado ao PC do B, se se viram impelidas a pensarem sua própria sexualidade e a própria esquerda.

E a gente conversa com a professora Margot Piva sobre as inquietações da esquerda, e foi conversando com ela que surgiu a ideia de criação do GLH. [...] Até esse momento ninguém tinha pensado em formar um grupo de lésbica. [...] Nós éramos um pequeno grupo de amigas homossexuais do Diretório Acadêmico. Aí nos perguntamos por que não? Então decidimos criar o grupo. Por que queremos discutir a questão da nossa sexualidade, [...]. E foi assim, depois de muita discussão criamos o GHL (LURDINHA, GLH, Entrevista, 2014).

Filha do deputado Mario Piva (MDB-BA), um dos 173 deputados federais cassados durante ditadura militar, Margot Piva, conforme Adriana Carneiro (2011, p.31), foi exilada em Londres, e na volta do exílio ajudou na fundação do Grupo Feminista Brasil Mulher – Núcleo Salvador. Conforme Mott (1987, p. 136), a professora Margot Piva era doutora em Matemática, crítica cinematográfica da *Revista Sappho*, publicação londrina, e uma das responsáveis pelo jornal *Maria Maria*, do Grupo Feminista Brasil Mulher-Sessão Bahia. De acordo com Mott (1987), Margot Piva morreu precocemente, em 1984. Em seu livro póstumo, *Falando de mim*, publicado em Salvador pela Editora Contemp em 1984, a professora “[...] tira o véu de seu interior, mostrando uma faceta sombria de muitos e muitas homossexuais sempre sequiosos, mas nem sempre bem sucedidos em encontrar sua outra metade” (MOTT, 1987, 136). Para este autor, a vida de Margot Piva poderia ter sido mais longa e mais alegre se ela tivesse sofrido menos com a repressão à maneira como amava suas iguais. Para Lurdinha, Margot Piva foi uma referência acadêmica e política que expandiu a gramática do político e a poética na sua vida, revelando novas formas de existir lésbica.

Então, quando vimos a esquerda empalidecer com a homossexualidade do Rui, criamos nosso grupo com incentivo e apoio de Margot que nos aproximou da literatura sobre o tema[...]. Ela nos indicou muita leitura dizendo que para formar um grupo era preciso muita leitura. Ela lia muito, escrevia poesias. Margot tinha poesia na alma guerreira. A gramática e a poética da Margot foi sem dúvidas um incentivo para todas nós (LURDINHA. GLH, Entrevista, 2014).

Lida e interpretada pelas lentes Jill Johnston (1975) o GLH foi uma pequena “nação lésbica, onde cada habitante, para além de não reprimir seus desejos pessoais e sexuais, colocou em questão o sistema de verdades do coletivo de homens e mulheres ao qual estava ideologicamente vinculada, tencionando assim a estrutura que sustenta a lógica de subordinação dos interesses das mulheres aos interesses dos homens, tirando delas sua agência política.

O GLH era assim, um grupo de estudantes lésbicas que soube aproveitar, viver as oportunidades que a universidade oferece. Mas não era só de estudantes. Tinham outras meninas, algumas nem estudavam. Mas a maioria de nós era da universidade, e nós vivíamos intensamente os acontecimentos políticos da época que pipocavam em todos os lugares. [...]. A universidade nos oportunizava isso de alguma forma, e nós compartilhávamos nossas experiências no grupo. Entre nós havia muita afetividade e compromisso político. (LURDINHA. GLH, Entrevista, 2014).

O que o GLH buscava era a felicidade. Para tanto, era preciso lutar pelas liberdades democráticas, pelo direito à liberdade do pensamento e do corpo, pelo prazer, contra todos os preconceitos, por uma sexualidade livre e plena.

As lutas do GLH estavam articuladas às agendas internacionais contra as ditaduras, contra a guerra do Vietnã, pelo direito de Israel se constituir um Estado Livre, contra Código Penal do Irã. Mas, embora a agenda do grupo fosse bastante ampliada, as estudantes concentravam esforços na luta feminista pelo fim da violência contra as mulheres, então protagonizada na Bahia pelas feministas do Brasil-Mulher e na luta contra violência e discriminação sexual, então protagonizada pelo GGB. Mas a relação entre as lésbicas e as feministas não era amistosa, apesar do empenho de Margot Piva em estabelecer aliança entre os grupos.

O feminismo ampliava nossa compreensão da problemática em torno da sexualidade. Mas sempre que íamos às reuniões do Brasil-Mulher, as feministas nos olhavam com desconfiança. Elas se achavam. Todas muito importantes. Nós eramos estudantes, todas homossexuais. Eu não me importava, nem me intimidava. Chegava lá, batia na mesa, falava o que eu precisa falar e depois saía. Mas eu sabia, todo mundo sabia, que depois que a nós saíamos do espaço, elas falavam das lésbicas, nos chamavam de sapatão, essas coisas. (LURDINHA. GLH, Entrevista, 2014).

A relação entre feministas heterossexuais e lésbicas sempre foi problemática (SILVA, 2016), As armadilhas da heterossexualidade obrigatória, que transforma as lésbicas em uma espécie de contaminação da imagem das feministas (RICH, 2010; WITTIG, 2010), tornavam a relação entre as lésbicas do GLH e as feministas do Brasil Mulher muito difícil, como sugere o depoimento de Lurdinha.

[...] Elas tinham medo de serem chamadas de lésbicas, sapatão. Na verdade eu não tinha paciência com aquelas mulheres, que nos olhavam atravessado. Era impressionante como elas se incomodavam. Elas não queriam ser associadas às lésbicas. [...] Sabe quando olha para você com cara de desdém? Pois era assim que elas nos olhavam. Eu não gostava. Mas nós gostávamos muito de Margot Piva, e participávamos de tudo, e aprendíamos muito com as feministas, que eram todas muito inteligentes, guerreiras. O Brasil-Mulher era uma referência em todo Brasil (LURDINHA. GLH, Entrevista, 2014).

A literatura feminista mostra que a experiência brasileira não é isolada. A tensão entre lésbicas e feministas heterossexuais é relatada em diferentes países, a exemplo da Espanha (BARBADILLO, 2008), América Latina (YUDERKYS, 2004), México (HERNANDÉZ, 2006), dentre outros. Esses estudos, para além de evidenciarem o quanto o feminismo heterossexual da segunda onda (anos 70 e 80) foi refratário às suas questões específicas, evidencia que a luta pela livre orientação sexual e pela autonomia é o que mais se destaca no surgimento dos primeiros coletivos de lésbicas de cada país. Porém, apesar dos conflitos entre lésbicas e mulheres heterossexuais feministas, as memórias de Lurdinha reiteram a afirmativa de Yuderskys Espinosa

(2006), de que não se pode pensar o movimento de lésbicas na América Latina sem dar conta do pensamento e da práxis política do feminismo, pois é no interior dos movimentos ampliados de mulheres latino-americanas que as lésbicas emergem como sujeitas políticas com ideias de rebeldia, de liberação e liberdade para as mulheres, contribuindo com aportes fundamentais para o desenvolvimento de um marco conceitual e analítico para pensar o patriarcado e suas múltiplas manifestações e complexidade. A pequena “nação lésbica” da Bahia, orientada por Margot Piva, se apropriou das temáticas do feminismo através da leitura fomentada pela professora, recorda Lurdinha.

A gente tinha acesso a literatura feminista, a literatura homossexual. Na verdade a gente lia, estudava muito. Sabia o que estava acontecendo no mundo. A questão do socialismo nos importava muito. Angola estava em processo de revolução. Recrudesciam as lutas pela implantação de um regime de esquerda e as pessoas queriam libertar sua sexualidade. Quem apoiava a luta em Angola, quem deixava de apoiar? [...] Liamos tudo sobre Cuba. Mas tínhamos dúvidas. O socialismo de Cuba permite a homossexualidade? Não permite? Como é o socialismo de Cuba? É tropical? É moreno? Nós refletíamos sobre essas questões e escrevíamos no jornal (LURDINHA. GLH, Entrevista, 2014).

Assim, se apropriando da literatura, a pequena “nação lésbica” se organizou de forma não institucionalizada, e todas às terças-feiras, às 19h, se reunia na Biblioteca Pública do Estado, localizada nos Barris, bairro central de Salvador. Se a Biblioteca estivesse fechada, o encontro era realizado na escadaria em frente à Biblioteca. Depois o grupo passou a se encontrar na Praça da Piedade, no centro da cidade.

Sem formalidade, sem autoritarismo, e sem centralismo, mantendo a autonomia organizativa a partir do consenso, não do voto, o GLH construiu sua identidade coletiva no movimento das lutas feministas libertárias, reconhecendo a dupla discriminação que sofrem as lésbicas, por serem mulheres não heterossexuais.

A primeira decisão do grupo foi criar uma bandeira intelectual, uma identidade. Todas do grupo eram lésbicas. O que seria essa identidade? A identidade seria uma posição na sociedade, uma posição política e intelectual, contrária às normas morais vigentes. Isso pra nós era muito importante. [...]. Sim, a identidade era homossexual. A liberdade sexual acima de tudo. A liberdade de expressão sexual era bandeira intelectual que nos movimentava, e o feminismo era bandeira intelectual que impulsionava o movimento (LURDINHA, GLH, Entrevista, 2014)

Observa-se que nas formulações identitárias de Lurdinha, em diferentes momentos, são acionadas as categorias “homossexual” e “lésbica” referindo-se a si mesma e ao grupo. Nada estranho,

considerando que até meados dos anos 90, o movimento de lésbicas brasileiro estava restrito a poucos grupos espalhados pelo país. Como destaca Facchini (2005), o termo “Lésbica” só foi incluído no nome do movimento homossexual a partir do 1993, no VIII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais. Porém, se por um lado o grupo não marcou a identidade lésbica no seu nome, ele anunciou sua lesbianidade coletiva no seu produto cultural, o *Jornal Amazonas*, produzido e editado pelo próprio grupo com apoio de Margot Piva. No contexto feminista, vale ressaltar, “Amazonas” simboliza guerreiras, mulheres de “outra espécie”, sem homens, indomáveis, cuja imagem desestabiliza a ordem do discurso vigente.

O *Jornal Amazonas* foi uma produção focada na condição lésbica, com a intenção de divulgar o pensar e o fazer do grupo e promover a leitura sobre temáticas relevantes para as lésbicas. Todas as integrantes do GLH participavam do processo de produção do jornal sob orientação da professora Margot Piva. O resultado desse investimento intelectual e político, afirma Lurdinha, foi um jornal bem humorado e muito bem feito. Infelizmente, do *Jornal Amazonas* existem apenas as lembranças de Lurdinha, e as leituras que fazemos delas. Lurdinha afirma que guardou a memória do grupo até 1995, quando fez doação de todo o material guardado (memórias de reunião, folderes, manifestos, e alguns exemplares do *Jornal Amazonas*) para o acervo do GLB-Grupo Lésbico da Bahia, criado em 1993, desarticulado em 2002. Mas esse acervo foi perdido, possivelmente junto com o acervo do GLB, perdido quando o grupo foi desfeito.

Considerando que não há história sem fontes, o desaparecimento dos arquivos das organizações lésbicas é um grande prejuízo para a memória coletiva do ativismo das lésbicas. Com o desaparecimento das fontes produzidas pelas organizações lésbicas se perde a transmissão da experiência entre ativistas mais antigas na militância e outras mais novas, fato que provoca nas novas militantes a desagradável sensação de estarem começando do zero, além de promover a impossibilidade das novas gerações de militantes se inscreverem em uma história política configurada por um acervo de experiências e pensamentos aos quais se pode recorrer, se apropriar, negar, validar, questionar, e, sobretudo perceber-se inserida no continuum lésbico de afeto e luta. Como bem afirma Lurdinha, “[...] o apagamento da nossa memória elimina nossa existência”. Feliz com a possibilidade resgatar e compartilhar sua memória através de fragmentos da história do GLH, Lurdinha afirma que não se lembra muito das datas, mas, sugere que o GLH existiu com vigor entre 1979 e 1985, desenvolvendo atividades no campo da cultura, organizando festivais de poesias, concursos literários. Mesmo não se lembrando bem das datas, as referências apresentadas por Lurdinha negam as fontes bibliográficas que apontam o desaparecimento do GLH meses após a sua

criação. Embora ela não tenha relacionado o fim do grupo à morte da sua mentora Margot Piva, é possível inferir que o grupo não tenha resistido tamanha perda. Mas, antes de se dispersar e desaparecer, logo pós a morte de Margot Piva, o GLH se aproximou do então movimento homossexual e ajudou a organizar o II EBHO – Encontro Brasileiro de Homossexuais, junto com o Grupo Gay da Bahia e Adé Dudu, o primeiro grupo de homossexuais negros da Bahia. A expectativa da organização do II EBHO era mostrar para a sociedade que homossexuais não são anormais, doentes. A luta era, e continua sendo, “[...] por uma sociedade sem opressores nem oprimidos: um Brasil justo, pluralista, igualitário, libertário e alegre. Luxo para todos” (GGB, p.102). Conforme Martinho (2006), o movimento homossexual, que nasceu em 1978 e teve seu pico de expansão em 1980, começou a declinar a partir de 1981, mergulhando numa grande crise entre 1981 e 1984. Para a autora, “De meados da década de 80 até início da década de 90, o Movimento Homossexual viverá uma espécie de limbo político, subsistindo graças aos esforços heroicos de grupos como o GALF (SP), GGB (BA), Triângulo Rosa (RJ) e Dialogay (SE) (MARTINHO, 2006, s.p). Nesse processo de refluxo, Lurdinha foi sugada pelo mercado de trabalho.

Eu me lembro que comemoramos quando a homossexualidade deixou de ser uma doença, mas o grupo já estava disperso. Eu estava trabalhando em escola particular e o trabalho docente me levou para outros caminhos. Eu estava preocupada com a questão da formação, e o movimento homossexual tinha outros interesses. Era muito brilho, muito ego (LURDINHA. Fala Pública Roda de Conversa Negritude e Lesbianidade, 2015)

O fato é que após o II EBHO, o GLH desapareceu das linhas da história do movimento, deixando como legado para as futuras organizações lésbicas da Bahia a luta contra a imposição da heterossexualidade

Considerações finais

O GLH e toda a sua vivência política na “Era da participação” era apenas uma lembrança quase apagada na memória de Lurdinha, que vive a lesbianidade inscrita no seu corpo sem anunciações, sem visibilidade política. Mas ao compartilhar suas memórias, Lurdinha possibilitou a conexão entre passado e presente, evidenciando fios do continuum lésbico que hoje constitui o corpo político das lésbicas da Bahia como uma “máquina de guerra”, de desconstrução do pensamento heterossexual (WITTIG, 1977). Como legado político, a luta iniciada pelo GLH é gramática da justiça erótica, aqui pensada pelas lentes de Rios (2007) como garantia do respeito por diferentes possibilidades de estruturação da pessoa concebida como ser desejante. Assim percebida, a luta do GLH é resistência poética que reconhece o erótico para além da prática sexual e incorpora

na sua formulação as diversas formas sensíveis que as pessoas se utilizam para se expressar no mundo (RIOS, 2007, p.21). O GLH Na luta por justiça erótica em tempos verde oliva é aqui percebido como uma matriz de educação para a liberdade, um grupo que fomentou mudança de mentalidade produzindo e positivando o reconhecimento de si e a lesbianidade, permitindo assim que o reconhecimento pelos próprios indivíduos dos processos inconscientes que marcam sua subjetivação fosse repassado para as gerações seguintes, possibilitando dessa forma o engajamento das lésbicas como sujeitas desejantes no processo de constituição de si e da sociedade em que vivem. No processo de produção do reconhecimento do ser lésbica, na luta contra a imposição da heterossexualidade, o GLH se inscreveu na história como “nó” proeminente do corpo político das lésbicas da Bahia, um rasgo no pano patriarcal que esconde as lésbicas em todos os tempos da história.

Referência:

ALMEIDA, G. E. da Silva. **Da invisibilidade a vulnerabilidade: percursos do “corpo lésbico” na cena brasileira face a possibilidade de infecção por DST e AIDS**. Tese. [Doutorado em Saúde Coletiva], Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, 342f.

BARBADILLO, Gracia Trujillo. **Deseo y resistencia: treinta años de movilización lesbiana em el estado español**. Madrid: EGALES, 2008.

CARNEIRO, Adriana Jacob. **Gênero e mídia: a cobertura do Dia Internacional da Mulher**. Dissertação [Mestrado em Cultura e Sociedade]. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2011, 200f.

CLARKE, Cheryl. **Lesbianism: An Act of Resistance**. The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, and Politics. Columbia University Press, 1990. Tradução livre disponível em: <<http://ebookbrowse.net/lesbianismo-um-ato-de-resistencia-cheryl-clarke-pdf-d281612776>>. Acesso em fevereiro, 2017.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, Marisa. In: GREEN, James N.; QUINALHA, R.(Orgs). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**.São Carlos: EdUFSCar; 2014. p. 125-148.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GREEN, James N.; QUINALHA, R.(Orgs). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**.São Carlos: EdUFSCar; 2014.

HERNANDÉZ, Lorena Rosas. **Lesbianismo en México**. Dissertação. [Mestrado em Sociologia]. Universidad Autonoma Metropolitana, México, 2006. Disponível em: http://zaloamati.azc.uam.mx/bitstream/handle/11191/937/Lesbianismo_en_Mexico.pdf?sequence=4 Acesso em Junho, 2017.

Johnston, Jill. **Lesbian nation**. New York : Simon & Schuster, 1975.

KOLLONTAI, A. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LEONEL, Vange. **Grrrrrls: garotas iradas**. São Paulo: Edições GLS, 2001.

LESSA, Patricia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1970-2006)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, Brasília, 2007, 261f.

LURDINHA (GLH). **Fala Pública**. Roda de Conversa Negritude e Lesbianidade [15/05/2015], Gravado por Eide Paiva, Salvador, Solar Boa Vista, 1 arquivo áudio (02:00:15).

MACRAE, Edward. **A Construção da igualdade**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

MARTINHO, Mirian. **Década de 80: início da organização lésbica no Brasil**. Lesbianismo erudito [Blog], São Paulo, 2006a. Disponível em: < <http://coletaneapratica.blogspot.com.br/2011/07/miriam-martinho.html>> Acesso em junho, 2017.

MOTT, Luiz. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. **Revista Bagoas**, n.5, [1980] 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf> Acesso em fevereiro, 2014.

RIOS, Luís Felipe. Justiça erótica: é possível? Notas sobre a homossexualidade na clínica psicológica infanto-juvenil. IN: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 31, Caxambu, MG, Anais... Caxambu, MG, 2007. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3083&Itemid=231> Acesso em junho, 2017.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHUTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p.254-270;

SILVA, Z. P. **Sapatão não é bagunça: estudo sobre as organizações lésbicas da Bahia**. Tese [Doutorado em Difusão do Conhecimento], UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC, Salvador, 2016, 407f.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. 2. ed. Barcelona: Egales, [1981] 2010.

YUDERKYS, Espinosa. **Cuatro hipótesis y disputas para pensar el movimiento de lesbianas en América Latina**. Buenos Aires, 2006. Disponível em:

http://www.glefas.org/glefas/files/biblio/cuatro_hipotesis_y_dos_disputas_para_pensar_el_mov_de_lesbianas_en_al_yuderkys_espinosa.pdf > Acesso em junho, 2017.